



MOVIMENTO DA NEGRITUDE:¹ *ETHOS* POLÍTICO NA FRANÇA E NO BRASIL

*Zilda Martins*²

Resumo: A proposta deste trabalho é apresentar a origem do conceito da Negritude a partir do encontro entre os poetas Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e Léon Gontran-Damas em meados do século XX, na França. Para tanto, a reflexão se dará em três vias, como o corpo negro no mundo ocidental; o enfrentamento do racismo; e a retomada do sujeito ontológico, universal, um modo de respeitabilidade de si próprio, para si e para a sociedade. O artigo pretende também dialogar com o Brasil contemporâneo, considerando as lutas de combate ao racismo, por reconhecimento e direito à educação. Questiona se seriam as ações afirmativas e as cotas raciais as novas herdeiras da Negritude - movimento nascido nos anos de 1935 - para o Brasil do século XXI. Indaga ainda sobre o silenciamento político da sociedade civil diante da realidade de exclusão histórica da população negra e qual a responsabilidade do Estado no combate ao racismo e reconhecimento do corpo negro com direitos iguais, de fato, e garantidos.

Palavras-chave: Negritude, racismo, consciência racial, luta política, cota racial

MOVEMENT OF NEGRITUDE: POLITICAL ETHOS IN FRANCE AND BRAZIL

Abstract: This paper aims to present the origin of the Negritude concept from the encounter of the poets Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor and Léon Gontran-Damas, in the middle of the 20th century, in France. In order to do so the reflection will take three paths, as such the black body in the western world, the combat against racism; and a retake of the ontological universal subject, a way of respectability of oneself, for oneself and for society. The article also intends to dialogue with contemporary Brazil, considering the struggles to combat racism, for recognition and considering the right to education. It highlights whether affirmative action and racial quotas would be the new heirs of Negritude - a movement born in the 1935s - to Brazil of 21st century. It also interrogates about the political silencing of civil society on the fight against the historical

¹ Negritude, escrita originalmente com acento - Négritude -, é uma junção das palavras francesas nègre e attitude. Um enfrentamento semântico e pró-ativo do racismo. Neste trabalho, usaremos a versão da palavra em português sem acento.

² Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/ECO/UFRJ) e coordenadora do Grupo de Estudos sobre Relações Raciais no Brasil (LECC/ECO/UFRJ). Bolsista Capes/2019. E-mail: zildamarti@yahoo.com.br



exclusion of black people and on the failing to define the State's responsibility in combating racism and recognizing of black population with equal rights, concretely speaking.

Keywords: Negritude, racism, racial consciousness, political combat, racial quotas

MOVIMIENTO DE LA NEGRITUD: ETHOS POLÍTICO EN FRANCIA Y BRASIL

Resumen: El propósito de este trabajo es presentar el origen del concepto de Negritud a partir del encuentro de los poetas Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor y Léon Gontran-Damas a mediados del siglo XX, en Francia. Para esto, se reflexionará sobre tres ejes: el cuerpo negro en el mundo occidental, la confrontación del racismo y la recuperación del sujeto ontológico universal, un modo de respetabilidad de uno mismo, para uno mismo y para la sociedad. El artículo también pretende dialogar con el Brasil contemporáneo, considerando la lucha contra el racismo, por el reconocimiento y el derecho a la educación. Cuestionamos si las acciones afirmativas y las cuotas raciales serían los nuevos herederos de la Negritud - un movimiento nacido en 1935 - para el Brasil del siglo XXI. También indagamos sobre el silenciamiento político de la sociedad civil en vista de la realidad de la exclusión histórica de la población negra y la responsabilidad del Estado en la lucha contra el racismo y el reconocimiento del cuerpo negro con derechos iguales garantizados y efectivos.

Palabras clave: Negritud, racismo, conciencia racial, lucha política, cuota racial

MOUVEMENT DE LA NEGRITUDE : ETHOS POLITIQUE SUR LA FRANCE ET LE BRASIL

Résumé: Cet article propose de présenter l'origine du concept de la Négritude à partir de la rencontre entre les poètes Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor et Léon Gontran-Damas, qui s'est passée en France au milieu du XXe. siècle. Pour ce faire, la réflexion suivra trois voies distinctes, à savoir, les corps noirs dans le monde occidental, la lutte contre le racisme et l'étant devenant du sujet ontologique, universel, dans la respectabilité de soi-même, par soi et pour la société. L'article vise aussi ouvrir un dialogue avec la contemporanéité en considérant la réalité brésilienne, ses luttes de combats au racisme, de demande de reconnaissance et pour le droit à l'éducation. Il questionne si sont les actions affirmatives et les quotas raciales les nouvelles héritières de la Negritude - mouvement né dans les années 1935 - pour le Brésil du XXIe. siècle. Il interroge encore au sujet du silence politique de la société civile devant la réalité d'exclusion historique de la population noire et s'intéresse à la question de la responsabilité de l'État dans ce cadre, afin de reconnaître le corps noirs avec des droits réels.

Mots-clés: Négritude, racisme, conscience raciale, combat politique, quota raciale

INTRODUÇÃO

A negritude muitas vezes é apresentada apenas como estética, descontextualizada historicamente do conceito original e mesmo do *ethos* político. Este trabalho tenta

contornar possíveis equívocos, ao trazer o conceito da Negritude desde o nascimento, sua autoria, movimento, repercussão e críticas. Para tanto, será utilizada metodologia de pesquisa bibliográfica, de natureza descritiva e qualitativa. Fundamenta-se em textos de autores negros, dentre eles, Aimé Césaire, Romuald Fonkoua, Pap NDiaye, Carlos Moore, Françoise Vergès, Léopold Sédar Senghor, Petrônio Domingues, Fernanda Barros dos Santos e outros. Situa-se entre os anos de 1935-2018, abordando desde a formação de um dos autores do conceito, Aimé Césaire, até o diálogo com a realidade brasileira em reflexão sobre a herança do movimento na contemporaneidade do país.

Apresenta o tema em três partes, a saber, a trajetória de Aimé Césaire entre Martinica e França, origem do conceito da Negritude - movimento que ganhou adeptos na Europa, África e Américas -; combate ao racismo pela consciência racial em atitude política de rejeição a opressão, olhar voltado a si-mesmo; e a herança para o Brasil contemporâneo. A ideia central é apresentar o conceito de Negritude, enquanto luta política, de caráter cultural e social, cuja ideia fundamenta um sujeito ativo, historicamente contextualizado na realidade intrínseca à própria pessoa. Além disso, pretende refletir acerca da luta dos movimentos negros no Brasil, resultando na emergência do protagonismo negro, cujo lugar de fala vem sendo construído nas esferas públicas das universidades e instituições de ensino superior.

Na primeira parte tratarei da formação de Aimé Césaire, surgimento do conceito, auge da repercussão, apoio e críticas. A ferramenta usada pelo então estudante Aimé Césaire para refletir sobre o racismo e a desigualdade social foi a revista intitulada *L'Étudiant Noir*.³ Excelente meio de reflexão e debate, o poeta usa a revista com um viés teórico, mais também empírico. A Negritude nasce como uma reação ao insulto de racismo, sofrida pelo autor nas ruas de Paris, que abordarei com mais detalhe no tópico 1, e logo ganha repercussão e apoio de intelectuais negros e brancos, de diferentes áreas do conhecimento, dentre elas, literatura, artes plásticas, movimento surrealista, cinema, música e teatro. Várias personalidades aderem ao Movimento da Negritude e têm uma relação de amizade e admiração por Césaire. Os tempos de glória não duram para sempre.

Em sua trajetória, o poeta e também político, filiado e eleito pelo Partido Comunista Francês - PCF questiona o viés autoritário, a opressão do PCF e rompe com o

³ Trad. Livro: O Estudante Negro. Mantereí ao longo do texto o nome original da revista em francês, *L'Étudiant Noir*.



partido.⁴ Césaire não passa incólume às críticas, que vem de todos os lados. Na poesia, o autor defendia a criatividade fora das normas da literatura clássica da sua época. Almejava uma poesia popular, espontânea, não nacionalista. Uma poesia que falasse livremente dos ancestrais, de memórias de povos africanos, etc. Seus detratores se multiplicam. Marxistas, conservadores, intelectuais independentes partem para o ataque, acusando a Negritude de essencialismo, metafísica, reacionarismo pequeno-burguês, ou ainda sugerindo ressentimento. Uma das falas ironizando a Negritude foi a do intelectual nigeriano, Wole Soyinka,⁵ que recorreu à metáfora do tigre. “O tigre não precisa proclamar sua tigridade. Ele salta sobre a presa e a mata” (SOYINCA, *apud* MOORE, 2010, p. 33). Outro crítico ao movimento, Adotevi (1998), ressalta o caráter político da negritude e a acusa de congelar as teorias das tradições africanas. A ruptura de Césaire com o PCF alimentou a aproximação entre direita e esquerda no disparo das críticas, levando o poeta e político a perder amigos e aliados, a um certo isolamento e a necessidade de se reinventar.

Historicamente, em nível mundial, o momento é marcado por intensa luta política. As colônias reivindicam independência. Na Argélia, o Martinicano e ex-aluno de Césaire, Frantz Fanon, ligado à Frente de Libertação Nacional - FLN vai para o *front* da guerra pela independência e participa da luta armada contra o colonialismo. Em Cuba, Fidel Castro vence a revolução; a África do Sul torna-se independente; Martin Luther King luta nos Estados Unidos pelo fim da segregação racial. A época abre espaço para a independência de várias colônias, a exemplo de Camarões, Guiné, Burkina Faso, República Centro Africana, Mali e outras. Césaire, atendendo a pedido do povo martinicano, defende que a Martinica passe de colônia ao *status* de departamentalização da França. Ele acredita na extensão das leis e direitos da Metrópole para a ilha. O político fica solitário, porém não abandona o país, onde tinha apoio da população. Embora mais recluso, não se deixa vencer. Volta-se ainda mais para a poesia e se reinventa pelo teatro de denúncia e de glória da população negra.

No mesmo período surge, no Brasil, o Teatro Experimental do Negro - TEN,⁶ um forte movimento de combate ao racismo, sob a liderança de Abdias Nascimento. Para o

⁴ Em outubro de 1956 Césaire escreve carta a Maurice Thorez, dirigente do Partido Comunista Francês, publica nos jornais, gerando respostas e contra-respostas.

⁵ Dramaturgo, ensaísta, poeta e militante político nigeriano. Em 1986 ganhou o prêmio Nobel de Literatura, sendo a primeira personalidade negra a receber tal distinção.

⁶ O Teatro Experimental do Negro foi criado em 1944 com o objetivo de fazer um teatro só de atores negros.



historiador Petrônio Domingues (2007), o TEN é considerado um movimento de vanguarda, de luta pela educação e cultura, tendo por meta a valorização da pessoa negra, de modo a eliminar o complexo de inferioridade. O Teatro Experimental do Negro atuava também com a imprensa e promovia eventos acadêmicos. Fundou o Instituto Nacional do Negro e o Museu do Negro. Tanto quanto outros movimentos do país, o TEN não escapou à ditadura militar - instituída em 1964 - e foi extinto de vez em 1968, com o exílio da principal liderança.

Assim como a Negritude na França sofreu ataque de marxistas, o/s Movimentos Negro/s no Brasil vive/u/ram (e ainda vive/m) no isolamento político e não conta/m com o apoio nem da direita, nem da esquerda. Domingues (2007) relata um caso curioso que ilustra bem a situação. Diz que em 1946, o senador Hamilton Nogueira, da UDN, teria apresentado à Assembleia Nacional Constituinte um projeto de lei antidiscriminatória, que havia sido debatido em um Congresso Nacional do Negro, realizado no ano anterior. “Colocado em votação, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) se opôs ao projeto, alegando que a lei iria 'restringir o conceito amplo de democracia.' Para o PCB, as reivindicações específicas dos negros eram um equívoco.” (DOMINGUES, 2007, p. 111).

A exceção cabe ao Movimento Negro Unificado - MNU, saído das forças marxistas mais radicais, de orientação trotskista. Domingues (2007) observa que a Convergência Socialista era a escola de formação de muitos militantes negros. Estes defendiam combate simultâneo, contra o racismo e luta revolucionária anticapitalista. O engajamento se dava de tal forma que para os militantes, primeiro era necessário derrubar o sistema capitalista para, em seguida, construir uma sociedade igualitária e essa, sim, sem racismo. Enquanto o TEN foi influenciado pelo Movimento da Negritude da França, Domingues (2007) esclarece que o MNU se inspirou no Movimento dos Direitos Civis dos Estados Unidos. A defesa era política partidária e, para tanto, o MNU adotava o *slogan* “Negro no Poder !”

No último tópico, apresento as políticas públicas de ações afirmativas e cotas raciais, plenas de potência de mudança social, a fim de responder a questão acerca da herança do Movimento da Negritude no Brasil. Falo das Ações Afirmativas enquanto condição de possibilidade de tornar o estudante sujeito de si mesmo e apresento as cotas raciais como chave para a tomada de consciência racial e ponte para, nas palavras de Césaire, compreender a própria história, dentro de uma história mais ampla. Adotadas nas universidades públicas e instituições de ensino, as políticas públicas levam à reflexão



sobre esse lugar, uma esfera pública que, tradicionalmente, era o espaço mais elitista da sociedade brasileira. Nesse sentido, a transformação deve ser dupla, do sujeito afetado e da instituição de acolhimento. Contudo, questiono um certo legalismo em detrimento da abertura para a diversidade e responsabilidade social, de fato.

AIME CESAIRE: ENTRE O BRILHANTISMO INTELECTUAL E O RACISMO COTIDIANO

“– Ei, neguinho !

– Neguinho é o cassete!⁷”

Essa expressão de insulto por pedestres nas ruas de Paris foi o desencadeador do trabalho de Aimé Césaire sobre a Negritude, conceito que explicarei a seguir. Neto de escravizado na Martinica, o jovem estudava no Colégio Victor Shoelcher na Ilha de Fort-de-France. Césaire era considerado pelos professores um aluno brilhante, o que lhe rendeu uma bolsa de estudos para o Lycée Louis-Le-Grand, onde se inscreveria primeiro na *hypokhâgne*, depois na *khâgne*, também chamadas “máquina de pensar.” Trata-se de cursos preparatórios muito conceituados da França, cujo objetivo é a formação de uma elite intelectual, fortemente habilitada para o concurso de entrada na *École Normale Supérieure*.⁸ Durante oito anos, Césaire sentaria ao lado de grandes nomes da sociedade francesa.

As classes introdutórias para o nível superior são tradicionalmente exigentes. No curso, os professores ensinam filosofia, história, geografia, línguas e culturas antigas, latim, grego, teatro, música e cinema. Para alguns alunos, segundo a biografia de Césaire, a *khâgne* pode parecer uma prisão, “mais esta prisão é um lugar onde os espíritos aprendem a pensar por eles mesmos.” (FONKOUA, 2013, p. 43).⁹ O jovem recém chegado segue os ensinamentos seduzido pelos mestres, cujo trabalho é despertar o pensamento e o desenvolvimento da crítica, numa esfera em que a relação é cada vez mais estreita entre o político e o privado. Chamada de produção de “máquina turbocompressora”, ou de incentivadora da leitura e escrita, que em última instância é o

⁷ Trad. Livre: “Eh, petit nègre ! - Le petit nègre t’emmerde !” (BOUVIER, 2018, p.101).

⁸ Trad. Livre: Escola Normal Superior.

⁹ Trad. Livre: “Mais cette prison est un lieu où les esprits apprennent à penser par eux mêmes.” (FONKOUA, 2013, p. 43).

que forma o sujeito em contato com o mundo, ou ainda apenas de “método”, "em definitivo, é a autonomia de pensar que é o objetivo último da formação intelectual proposta pela khâgne” (FONKOUA, 2013, p. 44).¹⁰

Césaire tinha 18 anos em 1931 quando chegou a Paris, onde ficou durante oito anos, voltando para a terra natal em 1939. “Considerado por seus mestres como ser excepcional, destacado pelos mais talentosos entre eles, Césaire será durante alguns anos um Negro da Martinica nas ruas do Quartier Latin” (FONKOUA, 2013, p. 35).¹¹ O futuro poeta estava exposto a manifestações de racismo logo ali, onde era localizada a *khâgne*, na rua d'Ulm, área de circulação de estudantes e intelectuais franceses e do mundo. Césaire percebia o olhar externo sobre o seu corpo, em um julgamento caracterizador, retirando sua subjetividade e humanidade, fazendo-o sentir na pele o peso do racismo. Contudo, uma relação de amizade que duraria toda a vida, tornou sua estadia na França uma grande troca. Pouco depois de chegar ao curso, o jovem martinicano encontra Léopold Sédar Senghor, do Senegal, que na época estava na *hypokhâgne* e ambos vivem grandes experiências. Uma delas, marcante para o que se chamaria mais tarde “Movimento da Negritude”, foi assumir a reedição do Jornal Mensal da Associação dos Estudantes Martinicanos na França, transformada em revista do estudante negro. Essa aventura foi compartilhada com outro amigo de Césaire, ainda dos tempos do colégio na Martinica, o também poeta Léon-Gontran Damas, da Guiana Francesa.

Os três jovens em território estrangeiro estavam fortemente ligados, tanto pela relação afetiva do "ser em comum" (Sodré, 2014), quanto pelos interesses políticos e culturais. Senghor, extremamente politizado, filia-se à Liga de Ação Universitária Republicana e Socialista - LAURS, e tem por colega de *hypokhâgne* Georges Pompidou, futuro presidente da República Francesa.¹² Damas estuda na Escola de línguas orientais, frequenta a faculdade de Letras e em 1931 junta-se a associação de estudantes. Senghor opta pela Sorbonne e Césaire vai para a *École normale supérieure* (Escola Normal Superior - ENS). Na faculdade, eles têm mais tempo livre para outras atividades. Nos espaços universitários, “muitos decidem participar dos debates da sociedade, a começar

¹⁰ Trad. Livre: “En définitive, c’est l’autonomie de penser qui est le but ultime de la formation intellectuelle proposée par la khâgne.” (FONKOUA, 2013, p.44).

¹¹ Trad. Livre: “Considéré par ses maîtres comme un être d’exception, adoubé par les plus talentueux d’entre eux, Césaire sera, pendant quelques années, un Noir de la Martinica dans les rues du quartier Latin.” (FONKOUA, 2013, p. 35).

¹² Tal qual o colega francês, Senghor também torna-se presidente do seu país, o Senegal, em 06 de setembro de 1960.

por aqueles que agitam fortemente em favor de suas comunidades de origem. Cultura e política estão no centro de suas preocupações.” (DAMAS, 2011, p. 144).¹³

CONSCIÊNCIA RACIAL COMO FERRAMENTA DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO

De acordo com Pap NDiaye (2008), na França os/as negros/as não se constituem grupo social, considerando que a República não reconhece diferenças nem minorias, ao contrário, segue o ideal republicano de igualdade, fraternidade e liberdade. A despeito da intenção ou do ideal, são nas ruas de Paris que jovens a exemplo de Césaire deixam de ser alunos ou sujeitos e passam a ser chamados, ou melhor, xingados de *nègre*. No país, dirigir-se a alguém usando a palavra *nègre* é fortemente pejorativo, uma demonstração indubitável do caráter racista intencional, do mesmo modo que *nigger* nos Estados Unidos e preto ou crioulo no Brasil. Paradoxalmente, nas mesmas ruas da cidade é grande a movimentação de homens, mulheres e crianças negras vindas de todas as partes do mundo, portando as mais diversas vestimentas de seus países de origem, num aparente cenário de diversidade, respeito e mobilidade social.

Já no caso do Brasil, o racismo evidencia-se a partir das ausências. A mais tradicional de todas é a negação do próprio fato, a exemplo da suposta "democracia racial" - que será abordada no terceiro tópico desse artigo -, tida por verdade em caráter nacional e internacional. Somente após o advento das ações afirmativas e das cotas raciais, é que o/a estudante negro/a apareceu, mudando o cenário das universidades públicas, transformando a representação social. Entretanto, fora dos *campi*, considerando o Rio de Janeiro, o fluxo de pessoas nas ruas da zona sul é diferente das diversas regiões da cidade e, flagrantemente, oposta ao cenário da periferia, assim como nas praias, onde há uma ausência da população negra enquanto direito ao lazer. Pap NDiaye (2008) ressalta que o racismo, por consenso analítico, pertence ao presente da humanidade e não apenas ao passado. O autor (2008) acrescenta que há pouco vigor no debate da temática e um desinteresse de estudo nas universidades e que as ciências sociais têm muito a responder. Faz referência à violência simbólica e aos estigmas e diz que sua “[...] hipótese é que

¹³ Trad. Livre: “Un certain nombre d’entre eux entendent bien participer aux débats de la société, à commencer par ceux qui se couent leur communauté d’origine. Culture et politique sont au coeur de leurs préoccupations.” (DAMAS, 2011, p. 144).



quando os jovens se proclamarem como ‘negros’ diante dos demais alunos, eles provocarão uma inversão do estigma que lhes é infligido pela sociedade e suas instituições” (NDIAYE, 2008, p. 258).¹⁴

Foi o que fizeram Césaire e Senghor no curso preparatório. Ambos tinham forte consciência racial, interesse em conhecer e debater com novos colegas, além de compreender a história do passado e do presente. Seguiam a carga de leitura exigida a partir dos clássicos e conheceram novos intelectuais.

Eu encontrei vários escritores negros americanos, Langston Huges ou Claude McKay. Os negros americanos foram para nós uma revelação. Não era suficiente ler Homero, Virgílio, Cornélio, Racine, etc. O que mais contava para nós era reencontrar uma outra civilização moderna, os Negros orgulhosos e conscientes de pertencerem a uma cultura. Eles foram os primeiros a afirmar sua identidade, enquanto que a tendência francesa era o assimilacionismo (CÉSAIRE, 2005, pp. 25-26).¹⁵

Ser negro em Paris levou os jovens estudantes a construir um mundo particular, rico de aprendizado a partir das obras indicadas pelos professores, a quem respeitavam e seguiam, como de livros escolhidos por eles próprios. Foi nessa época que Césaire e Senghor se interessaram pelos autores do surrealismo. O movimento rejeitava justamente a literatura tradicional, numa proposta de romper com a razão, com a civilização artificial, em detrimento do que havia de profundo no homem. Segundo Césaire o que havia de mais profundo neles era a busca do homem negro. “Quem eu sou?” Essa era a questão considerada central. O poeta afirma que havia uma cultura de assimilação, porque a civilização europeia era a responsável pela construção de uma doutrina, a qual ele rejeitava. “[...] Eu sinto muito, é preciso primeiro ser si mesmo. [...] A assimilação para mim era a alienação, a coisa mais grave.” (CÉSAIRE, 2005, p. 28).¹⁶

Césaire traz sua própria terra natal para exemplificar a assimilação. Segundo o autor, havia na Martinica uma pequena burguesia que almejava a Europa, admirava seus

¹⁴ Trad. Livre: “Mon hypothèse est donc que lorsque ces jeunes gens se proclament comme ‘Noirs’ face aux lycéens, ils opèrent une inversion du stigmaté qui leur est infligé par la société et leurs institutions.” (NDIAYE, 2008, p. 258).

¹⁵ Trad. Livre: “J’ai ainsi rencontré plusieurs écrivains nègres américaines, Langston Huges ou Claude McKay. Les nègres américains ont été pour nous une révélation. Il ne suffisait pas de lire Homère, Virgile, Corneille, Racine, etc. Ce qui comptait le plus pour nous, c’était de rencontrer une autre civilisation moderne, les Noirs et leurs fierté, leur conscience d’appartenir à une culture. Ils furent les premiers à affirmer leur identité, alors que la tendance française était à l’assimilationnisme.” (CÉSAIRE, 2005, pp. 25-26).

¹⁶ Trad. Livre: “[...] Je regrette, il faut d’abord être soit-même. [...] L’assimilation pour moi, c’était l’aliénation, la chose plus grave.” (CÉSAIRE, 2005, p. 28).



salões, queria ser igual aos europeus. Conta que uma vez encontrou um jovem homem bem vestido que lhe declarou amar suas poesias, suas atividades literárias. O interlocutor disse ser seu admirador incontestado, mas com uma ressalva: não entendia por que Césaire falava tanto da África, já que a ilha, segundo o jovem, não tinha nada a ver com os povos daquele continente que eram “selvagens”, enquanto eles eram outra coisa. Césaire diz que seu admirador também era negro, ainda mais retinto do que ele, concluindo que o caso ilustrava bem o grau de assimilação e de hierarquização racial sobre as quais os povos da Martinica estavam metidos.

O autor acrescenta existir um mal-estar martinicano que é compreensível. “Imagine um sujeito retirado à força da África, transportado no fundo de um navio, acorrentado, espancado, humilhado: cospem nas suas faces e isso não deixaria nenhuma marca?” (CÉSAIRE, 2005, p. 29).¹⁷ Confessa ainda que saber disso o influenciou e mesmo não tendo visto nada pessoalmente a história tem um peso. As observações das marcas da escravidão deixadas na ilha estão presentes também no Brasil, seja no passado ou nos dias presentes. Tais heranças podem ser vistas a partir da subalternização imposta, uma certa alienação social, política e cultural e ainda o sentimento de menos-valia decisional, até mesmo sobre a própria vida. A população negra brasileira, segundo dados estatísticos oficiais, representa mais de 54% dos habitantes do país, contudo tal proporcionalidade é inversamente verdade quando se fala de mobilidade social. Por que não temos o mesmo índice de profissionais negros/as de destaque na política, nos cargos executivos, no comando das grandes empresas, nas reitorias das universidades?

Se considerarmos a narrativa midiática, trata-se de falta de esforço pessoal, discurso usual no século XIX, ressignificado no XXI. Para justificar a fala contemporânea, uma das pautas preferidas é escolher um homem negro ou uma mulher negra, com algum sucesso profissional, e traçar um perfil adequado, cujo esforço individual passa a ser a chave do sucesso. Ora, o que a mídia hegemônica não publica são as marcas históricas da escravidão, o racismo estrutural que imobiliza, prende, causa problemas psicológicos, provoca baixa autoestima, elimina talentos. Essa mídia, que representa o poder instituído, retira do Estado sua responsabilidade quanto ao estabelecimento de diagnósticos sociais e implantação de políticas públicas, capazes de reverter o quadro social e suplantar a ideia de individualismo, que não responde pelo

¹⁷ Trad. Livre: “Pensez au type enlevé en Afrique, transporté à fond de cale, enchaîné, battu, humilié : on lui crache à la face, et cela ne laisserait aucune trace ?” (CÉSAIRE, 2005, p. 29).



coletivo. Assim, a ausência do Estado autoriza o racismo na sociedade brasileira e não interfere nas consequências.

Com a falta de superação deste mal-estar social não há avanços no país, salvo pela luta coletiva dos próprios sujeitos afetados. Nem mesmo a sociedade civil está empenhada em mudanças estruturais, o que ratifica a fala de NDiaye (2008) acerca da cobrança de respostas por parte das ciências sociais. As universidades públicas do Brasil, por exemplo, que adotam ações afirmativas e cotas raciais o fazem pela força da lei, mas não parecem estar abertas à diversidade. Refletir a esse respeito traz em termos de resposta a constatação de que

historicamente a prática acadêmica evidencia a apagamento de biografias de intelectuais negras/os, o esvaziamento de singularidades por narrativas descontextualizadas e distanciadas da história, e isto é uma estratégia discursiva poderosa que resulta em danos irreparáveis na vida de pessoas negras (BASTHI, JULIE, et al, 2018, p.125).

A antiga reivindicação de coletivos negros por educação e reconhecimento, que resultou nas políticas públicas de ações afirmativas e cotas raciais, mantém-se como a principal ferramenta de luta, tendo em vista as condições de possibilidades para a emergência da potência do ser, ignorada até então. Mas romper os muros da universidade ainda não tem sido suficiente. É necessário à academia abrir-se ao debate e a coexistência com a diversidade e a pluralidade, o que significa estar aberta ao comum (Sodré 2014), vínculo conectado com a existência humana. Sodré (2014) questiona o modelo epistemológico vigente - definidor das regras de paradigmas aceitos - e ressalta a importância da hermenêutica. Tomando de empréstimo palavras do autor (2014), é papel da universidade redescrever a história, não em evolução, conciliando o novo com o antigo, mas enquanto história criadora, considerando que “a historicidade do homem e de sua ciência consiste em sua atividade criativa ou transformadora” (SODRÉ, 2014, p. 133).

MOVIMENTO DA NEGRITUDE

Césaire conta que logo após ouvir o xingamento nas ruas de Paris - eh, neguinho! - e de ter prontamente respondido - neguinho é o cassete! - percebeu que precisava reagir publicamente.



No dia seguinte, eu propus a Senghor de redigir junto com Damas um jornal, O Estudante Negro. Leopold: ‘eu suprimiria isso. Nós deveríamos chamar Os Estudantes Pretos. Entendeu ? Isso nos foi lançado como um insulto. Então, eu o pego e encaro.’ Foi assim que nasceu a ‘Negritude’, em resposta a uma provocação. (CÉSAIRE, *apud* BOUVIER, 2018, p. 101).¹⁸

O caso testemunha o estado de espírito dos jovens intelectuais vindos da colônia, ao encarar o racismo na metrópole. Mas o que é a Negritude? Um conceito, um projeto ou um movimento? Publicada pela primeira vez na revista *L’Étudiant Noir*, em maio e junho de 1935, a palavra “negritude” aparece como eixo do discurso de Césaire em torno da "Consciência Racial e Revolução Social”, título do artigo. De orientação marxista, vivendo o período entre as duas guerras, e saído de uma colônia, cuja história da escravidão e da construção da inferioridade racial para efeitos de dominação ainda era silenciada ou mesmo consenso, o poeta respondia aos questionamentos sobre o negro revolucionário e a luta contra a opressão capitalista. Não se distanciava da história, lembrando que os exploradores tinham o projeto de abolir a “consciência própria dos explorados.”

Os exploradores brancos nos deram, a nós explorados negros, uma cultura, mas uma cultura branca, uma civilização, mas uma civilização branca; nos paralisaram assim por malhas invisíveis para o caso hipotético de nos liberarmos da mais aguda escravidão material que eles nos impuseram. E eles conspiraram suas tramas pacientemente, de forma contínua, por astúcia de inimigo até a morte da consciência de nós mesmos. (CÉSAIRE, 1935).¹⁹

Ora, diante do quadro em que vivia a população negra - e mesmo na contemporaneidade - lutar contra a opressão do capitalismo não respondia (e não responde ainda) às particularidades da opressão racial e só fazia sentido, segundo o autor, pela assimilação. Césaire já identificava a falácia cultural do capitalismo branco que aprisionava as pessoas negras. Compreendia a revolução de outra forma. Primeiro, era necessário passar pela consciência racial e expor os valores raciais enquanto sujeitos

¹⁸ Trad. Livre: “Le lendemain, je propose à Senghor de rédiger ensemble avec Damas un journal, *L’Étudiant noir*. Leopold : ‘Je supprimerais ça, on devrait l’appeler Les Étudiants nègres. Tu as compris ? Ça nous est lancé comme une insulte. Eh bien, je le remasse, et je fais face.’ Voici comment est née la ‘négritude’, en réponse à une provocation.” (CÉSAIRE *apud* BOUVIER, 2018, p. 101).

¹⁹ Trad. Livre: “Les exploiters blancs nous on donné, a nous autres exploités noirs, une culture, mais une culture blanche, une civilisation, mais une civilisation blanche, nous paralysant ainsi par mailles invisibles pour le cas hypothétique où nous nous libérerions du plus sensible esclavage matériel qu’ils nous ont interposé. Et ils ourdissent leur trame, patiemment, inlassablement, par ruse diligente jusqu’a ce que nous mourions à la connaissance de nous-mêmes.” (CÉSAIRE, 1935).

históricos. “Eles [os brancos] esqueceram o principal. Aqueles que dizem ao negro para se revoltar deixaram de falar da importância de tomar consciência de si, esqueceram de dizer que ser negro é bom, bonito e legítimo.” (CÉSAIRE, 1935).²⁰ Ao contrário, a exposição ao modelo do capital e ao *ethos* ocidental não visa a coabitação com a diversidade, mas a destruição da cultura de um povo pela alienação, assimilação e hierarquização.

A advertência do autor, acima, é de meados do século passado, mas fortemente atual em diversas realidades, caso do Brasil, considerando que a opressão está presente na vida das pessoas negras, algumas totalmente assimiladas. É o caso do vereador Fernando Holiday, eleito pelo partido Democratas - DEM-SP. Homem negro e homossexual, portanto duplamente oprimido, é comprometido com uma política conservadora, branca, heterossexual e discriminatória. Outro exemplo de assimilação, e isso para ficar restrito ao campo político, é o deputado Hélio Lopes, eleito pelo PSL-RJ, partido de Bolsonaro e que lhe rendeu votação expressiva. Segundo dados da Folha de S.Paulo, Hélio Lopes, chamado de Hélio Negão, "saiu do ostracismo de 480 votos nas eleições para vereador de Nova Iguaçu (RJ), em 2016, para, dois anos depois, receber 345 mil votos no pleito de outubro do ano passado, a maior votação de um candidato a deputado federal no estado do Rio de Janeiro” (BRAGON, Folha de S.Paulo, 2019).

Os exemplos evidenciam a distância da revolução proposta por Césaire de tomada de consciência racial. Em ambos os casos, os parlamentares negam a historicidade e a subjetividade da pessoa negra, consideram que as oportunidades estão presentes na sociedade para todos e condenam as políticas públicas de cotas raciais, reproduzindo um antigo discurso midiático de "cota enquanto esmola" ou de individualização. Dito de outro modo, para a mídia, e isso é usual observar em matérias factuais, se cada um lutar por seus objetivos, haverá oportunidades para todos. Usando palavras de Césaire (1935), trata-se de mais uma falácia cultural, a fim de encobrir desde a falta de mobilidade social para a pessoa negra, o racismo persistente e, sobretudo, a responsabilidade do Estado de identificar lacunas históricas, assumir o seu papel de reparação, combater o racismo nas estruturas internas e externas e garantir a todos direitos iguais, de fato.

A proposta de Césaire expressa no artigo da *L'Étudiant Noir* é lutar pelos próprios valores, explorar a força interior, cruzar o domínio racial e encontrar a fonte profunda do

²⁰ Trad. Livre: “Ils ont oublié le principal ceux qui disent au nègre de se révolter sans lui faire prendre d’abord conscience de soi, sans lui dire qu’il est beau et bon et légitime d’être nègre.” (CÉSAIRE, 1935).



homem universal. Desse modo, acredita, seria possível fazer a revolução, ou a "verdadeira revolução", que constituiria em "[...] romper a mecânica da identificação das raças, destruir os valores superficiais, inserir em nós o negro imediato, plantar nossa negritude como uma bela árvore até que ela porte os frutos mais autênticos." (CÉSAIRE, 1935).²¹ A primeira vez que Césaire grifa a palavra negritude ele o faz de forma poética e isso vai ser motivo mais tarde para que o movimento seja chamado de manifestação cultural. Todavia, para Césaire e seus colegas com quem compartilhava a reflexão, os também poetas, Senghor e Damas, a Negritude era, sobretudo uma postura política, de consciência e de ação.

No primeiro caso, embora não tenha nascido, necessariamente, enquanto conceito a Negritude aparece em Césaire fundamentada de tal forma que a abstração ganha corpo e forte importância social para um determinado grupo específico, mas também para o conjunto da sociedade, considerando que o estar no mundo tem responsabilidade individual, mas também coletiva e de Estado. O autor apontava para um conceito no plano das ideias que iria levar à reflexão de muitas pessoas negras até então crenças na externalidade dos valores ocidentais, ou mesmo àquelas que apresentavam uma visão crítica da realidade, porque rompia com um conjunto de construções discursivas poderosas de efeitos desastrosos para os afetados. Mais que isso. A Negritude era um convite a sair da cegueira cognitiva que encobre a discriminação, um convite a assumir uma postura ativa e moral de combate ao racismo, um *ethos* político.

No segundo caso, ao traçar os fundamentos da Negritude, Césaire fornece aos atores sociais envolvidos a ferramenta para refletir sobre o seu futuro, estudar e elaborar projetos de vida baseados em valores originais até então negados, seja pela escravidão, colonização ou pelo racismo. Uma terceira perspectiva diz respeito à ciência e à potência dos estudos das relações raciais, com seus corpus, conceitos e paradigmas que diversos campos científicos podem atribuir ao tema. Evidencia um amplo horizonte de elaboração de projetos, cujos questionamentos, hipóteses e resultados, conduziram o tema ao debate em pequena e larga esferas. Tais estudos e discussões têm o poder de contribuir para a identificação de problemas, reivindicação social e elaboração de políticas públicas capazes de minimizar injustiças históricas. Refletir a esse respeito conduz à percepção de

²¹ Trad. Livre : “[...] rompre la mécanique identification des races, déchirer les superficielles valeurs, saisir en nous le nègre immédiat, planter notre négritude comme un bel arbre jusqu'à ce qu'il porte ses fruits les plus authentiques” (CÉSAIRE, 1935).



avanços ou de ausência de debate e de abertura para tratar do corpo negro nas ciências. Não basta cumprir a lei, é imperativo abrir-se para o diálogo e para a diversidade.

No terceiro caso, a transformação do conceito em Movimento da Negritude não era proposta, embora o tema tenha repercutido e ganhado força na revista - forte instrumento de disseminação do pensamento - criada em 1935. Os jovens poetas assumem a edição de *L'Étudiant Noir*, antigo jornal da Associação dos Estudantes Martinicanos. A defesa inicial é promover nova dinâmica à publicação, que começa por mudar o adjetivo “martinicano” em “negro”, indicando uma posição de colocar a questão racial na mesa de debate. “*L'Étudiant Noir* se situa assim na esteira de numerosas outras revistas de estudantes que se confrontam no Quartier Latin, onde em meados dos anos de 1930, a supremacia intelectual e política passa pela criação de um jornal” (FONKOUA, 2010, p. 46).²²

Circulavam no mesmo bairro e período as revistas *L'Étudiant français* (1920-1944), *L'Étudiant Socialiste* (1928-1937), *L'Étudiant de France*, fundado em 1929, dentre outros. Eram todas revistas estudantis que conduziam o debate literariamente, do mesmo modo que a *L'Étudiant Noir*, cujo objetivo, segundo Fonkoua (2010), era construir um corpo teórico a partir de uma ideia. Para tanto, a diagramação contava com uma página intitulada *Les idées et les lettres* (As ideias e as letras) que trazia artigos relacionados a identidade. “O que Senghor e Césaire tem em comum é o que os impulsiona a essa aventura, diz o primeiro, é ‘a recusa obstinada de nos alienar, de perder nossa ligação com nossos países, nossos povos, nossas línguas’.” (FONKOUA, 2010, p. 46).²³ A iniciativa de utilizar a revista como insumo do pensamento e da dialética atraiu adeptos da luta pela independência dos países africanos, expôs a dominação europeia, a hierarquização dos povos e apelou para a conscientização do sujeito ontológico e civilizacional na sua origem cultural. Descortinou, com isso, a assimilação e a urgência da consciência racial e da ação política.

NEGRITUDE ENTRE APOIO E CRÍTICA

²² Trad. Livre: “L'Étudiant noir se situe ainsi dans la mouvance de nombreuses autres revues d'étudiants qui s'affrontent au quartier Latin où, au milieu des années 1930, la suprématie intellectuel et politique passe par la création d'un journal.” (FONKOUA, 2010, p. 46).

²³ Trad. Livre: “Ce que Senghor et Césaire ont en commun et qui les pousse dans cette aventure, dit le premier, c'est ‘le refus obstiné de nous aliéner, de perdre nos attaches avec nos pays, nos peuples, nos langues’.”(FONKOUA, 2010, p. 46).



O Movimento da Negritude tem o apoio de pessoas de diferentes áreas, dentre elas, literatura, música, artes plásticas, cinema e teatro e se estende para além do Quartier Latin. A adesão ao movimento evidencia-se no sucesso do Primeiro Congresso Internacional dos Escritores Negros, realizado em 1956 em Paris - para debater os rumos da poesia. A ideia era reunir na Sorbonne, “símbolo da razão e da liberdade”, as personalidades do mundo negro, de intelectuais a artistas e escritores. Entre apoiadores e críticos destacam-se nomes como Cheik Anta Diop, Frantz Fanon, Alioune Diop, Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, Jean Paul Sartre, André Guide, Claude Levi-Strauss, Richard Wright, Pablo Picasso, Joséphine Baker, Louis Armstrong e outros. Como se observam, dentre os presentes havia também intelectuais brancos comprometidos com a luta. De acordo com Fonkoua (2010), para os participantes vindos de todos os continentes do mundo negro (África, América do Norte, Caraíbas), esse encontro tinha sido um ato fundador. Diz ainda que Aimé Césaire considerou o congresso uma revelação particular, ocasião para perceber o lugar que se ocupa no mundo cultural negro, do ponto de vista político e intelectual.

[...] desde o início do congresso, os discursos sobre a cultura não podem esquecer que a política não consiste apenas em elaborar projetos. Ela consiste também em afrontar o real. Césaire chamou a atenção do auditório para esta realidade concreta de imbricação do político e do cultural, da relação profunda, íntima, de um e de outro; uma relação que poderia ser harmoniosa, mais também conflitiva (FONKOUA, 2010, p. 199).²⁴

No ano anterior, já tinha sido realizado um fórum de debate em Bandung, na Indonésia, considerado um incentivador de tomada de consciência das pessoas colonizadas. E em 1959, se dá o Segundo Congresso dos Escritores e artistas Negros, em Roma. Tais encontros, diz Fonkoua (2010), foram chamados por historiadores de “despertar cultural do mundo negro” (FONKOUA, 2010, p. 187).²⁵ Logo depois do congresso da Sorbonne, Césaire - que além de poeta era deputado da Martinica, eleito pelo Partido Comunista Francês - rompe com o partido, por não concordar com a

²⁴ Trad. Livre: “[...] dès le début du Congrès, les discours sur la culture ne pouvaient faire oublier que la politique ne consiste pas seulement à élaborer des projets ; elle consiste aussi a affronter le réel. Césaire allait rappeler l’auditoire à cette réalité concrète d’imbrication du politique et du culturel, de la relation profonde, intime, de l’un et de l’autre ; une relation qui pouvait être harmonieuse, certes, mais aussi conflictuelle.” (FONKOUA, 2010, p. 199).

²⁵ Trad. Livre: “réveil culturel du monde noir’.” (FONKOUA, 2010, p. 187).



orientação stalinista. Escreve ao Secretário Geral, Maurice Thorez, uma carta ou um, “verdadeiro auto-acusatório contra o racismo - de esquerda e de direita [...]” (MOORE, 2010, p. 28). Na carta, dentre outros argumentos, destaca Césaire: “O que eu quero é que o marxismo e o comunismo sejam colocados a serviço dos povos negros, e não os povos negros a serviço do marxismo e do comunismo.” (MOORE, 2010, p. 29).

A partir de então, as críticas a Césaire se multiplicam, mas também apoios, a exemplo de Edgar Morin, ao publicar o artigo “a hora zero dos intelectuais do Partido Comunista Francês”, no jornal *France-Observateur*, com duras críticas aos comunistas, que ele chama de “místicos, ignorantes e apolíticos.” Um dos colaboradores do jornal, Jean Paul Sartre, apoiava o Movimento da Negritude, gestado no Quartier Latin. Mas o apoio foi também motivo de crítica. O filósofo francês escreveu *Orfeu Negro*, prefácio do livro *Antologia da poesia negra e malgaxe*, de Léopold Sédar Senghor.

Neste prefácio, Sartre defende que a Negritude é o polo negativo da dialética, portanto, uma fase transitória. [...] Para Fanon, o erro de Sartre foi destruir o entusiasmo negro. Quando leu estas passagens de *Orfeu Negro*, sentiu que sua última chance de retirar o negro da zona do não-ser e da invisibilidade tinha sido roubada (BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 214-215).

A crítica de Fanon a Sartre revela um olhar de negação da importância do Movimento da Negritude, enquanto condição de possibilidade de se compreender sujeito, a despeito da invisibilidade construída e desejada pelo colonizador. Na opinião de Fanon, observa Bernardino-Costa (2016), a abordagem de Sartre faz parecer que todo o esforço de conscientização de um povo oprimido não pudesse ter êxito histórico. Seria a negação do sentido do conceito, definido pelo próprio autor. “Para Césaire, a Negritude, que ‘é uma maneira de viver a história dentro da história,’ tem ganho ao longo dos combates, dos discursos e das experiências dos povos negros ‘submissos,’ um valor ‘patrimonial’ que é necessário preservar.” (FONKOUA, 2010, p. 323-234).²⁶ Outras críticas ao Movimento da Negritude surgiram, mas Césaire - aprendera a pensar para além dos mestres da *khâgne* - não desiste e ainda estudante escreve o que ele chamaria mais tarde de “a odisseia de uma tomada de consciência” (FONKOUA, 2010). Trata-se do longo poema *Caderno de retorno ao país natal*, publicado em 1939, cuja repercussão percorreu

²⁶ Trad. Livre: “Pour Césaire, la négritude, qui ‘est une manière de vivre l’histoire dans l’histoire’ a acquis, au fil des combats, des discours et des expériences des peuples noirs ‘soumis’, une valeur ‘patrimoniale’, qu’il faut préserver.” (FONKOUA, 2010, p. 323-324).



diversos países. Igualmente conhecida, a obra *Discurso sobre o colonialismo*, publicada em 1950, consagra Césaire como o homem que entraria para a história da luta contra a opressão da pessoa negra.

Arrisco a dizer que a atualidade de Césaire se manterá ainda por algum tempo. Compreender sua obra é abraçar a causa do homem negro (ele diria), a partir do reconhecimento histórico, da luta contra a opressão e do combate ao racismo. Na opinião de Françoise Vergès (2005) reler o autor é fazer um trabalho de genealogia do debate por um mundo mais justo e sem racismo, luta compartilhada por intelectuais negros de meados do século XX, contemporâneos do poeta. É também retomar a noção de raça, do lugar do negro e de sua representação no pensamento francês. “O universalismo republicano francês rejeita violentamente uma tentativa de ‘distinção’ dos grupos por suas origens étnicas e culturais. Esse universalismo se sente generoso pela sua recusa mesmo de reconhecer o que diferencia. Com isso, cada um seria neutro, logo igual.” (VERGÈS, 2005, p. 133).²⁷

É conhecida a frase "na França não há brancos nem negros, há franceses." Ora, do ponto de vista do ideal republicano, do país das luzes, isso faz sentido, mas empiricamente não corresponde à realidade social. A ideologia da superioridade branca ocidental se evidencia quando, por exemplo, a obra de Césaire, um poeta e político reconhecido - da Martinica e do Palais-Bourbon - é interdita nas escolas.

Nos lembramos em particular do episódio pouco glorioso de censura ao *Discurso sobre o Colonialismo*. Inscrito no mesmo período do *Caderno de um retorno ao país natal* na grade de classes finais do ensino secundário na França em 1993, este ensaio foi desprogramado no curso de verão de 1995 [...]. Para o deputado Alain Griotteray (1922-2008), uma parte da opinião metropolitana ficou surpresa com a ousadia da obra de comparar o colonialismo ao nazismo, de ter sido posta ao conhecimento da juventude francesa, manchando a imagem da nação. Era preciso defender e ensinar a grandeza da França (FONKOUA, 2010, p. 320).²⁸

O caso relatado, ressalta o autor (2010), descortinou toda a ambiguidade da

²⁷ Trad. Livre: “L’universalisme républicain français rejette violemment toute tentative de ‘distinguer’ des groupes par leur origine ethnique et culturelle. Cet universalisme se veut généreux par son refus même de reconnaître ce qui différencie. Ainsi, chacun serait neutre, donc égale.” (VERGÈS, 2005, p. 133).

²⁸ Trad. Livre: “On se souvient en particulier de l’épisode peu glorieux de la censure du Discours sur le colonialisme. Inscrit en même temps que Cahier d’un retour au pays natal au programme des classes de terminale de l’enseignement secondaire en France en 1993, cet essai fut déprogrammé au cours de l’été 1995 [...]. À l’instar du député Alain Griotteray (1922-2008), une partie de l’opinion métropolitaine s’était étonnée qu’une oeuvre osant comparer le colonialisme de la jeunesse française et que l’image de la nation fût ainsi salie. Il fallait défendre et enseigner la grandeur de la France.” (FONKOUA, 2010, p. 320).



relação da República com sua história colonial. Revelou ainda a importância de se manter vigilante e ativo na luta de combate a opressão e ao racismo.

Na França ou no Brasil, se faz imperativo não desistir da "ocupação de lugar" como estratégia de luta. Para tanto, a tomada de consciência racial e a ação política, recomenda Césaire, são elementos inseparáveis. Tais elementos que caracterizam a Negritude foram reafirmados pelo autor em 1987, durante congresso dedicado ao poeta e realizado na *Florida International University*, Miami. Césaire, 52 anos após a primeira referência escrita sobre a Negritude, na revista *L'Étudiant Noir*, volta a falar do conceito original e diz: "a Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta." (CÉSAIRE, 2010, p. 109). O autor explica o surgimento do conceito a partir de uma revolta contra o reducionismo europeu.

BRASIL E A HERANÇA DA NEGRITUDE

De que modo o conceito de Negritude, tal qual compreende Césaire, afetou o Brasil? Antes de abordar as influências do movimento francês no Brasil do século XXI, trago um pouco do percurso da luta negra, para reafirmar com Sodré (2012) e Santos (2010) que o movimento negro é um dos movimentos sociais mais antigos da história do país. O combate ao opressor data do início da escravidão. Seja por fuga, suicídio, aborto voluntário, revolta, construção de quilombo e outros, o grito por liberdade ecoava, mesmo sendo silenciado pela força, castigo físico ou pela morte. Desde a formação de quilombos - século XVII - ao Movimento Negro Unificado - Século XX -, o desenho é de um esforço histórico de luta da população negra como "política de sobrevivência", para usar expressão de Abélès (2009).

A abolição da escravatura foi resultado dessas lutas individuais e coletivas, de uma campanha abolicionista aberta, ampla e pedagógica. O mote "era preciso libertar o Brasil do atraso da escravidão" tinha por objetivo fazer o país entrar para a modernidade, considerando o desenvolvimento industrial já em curso na Europa, contra uma economia ainda agrária, de mão de obra escravizada. Do início da República até o Estado Novo registram-se movimentos de mobilização dos "homens de cor" - chamados assim na época -, a exemplo da adesão a Clubes e Associações e da Imprensa Negra, escrita por



negros. Segundo Petrônio Domingues (2007), só em São Paulo havia mais de 31 jornais da imprensa negra, dentre eles *A Pátria* (1899); *O Combate* (1912); o *Menelick* (1915); *O Bandeirante*, *O Alfaiate*, *A Liberdade* (1918); *A Sentinela* (1920) e outros. A Frente Negra Brasileira - FNB é fundada em 1931, em São Paulo.

Na primeira metade do século XX, a FNB foi a mais importante entidade negra do país. Com ‘delegações’ - espécie de filiais - e grupos homônimos em diversos estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia), arregimentou milhares de ‘pessoas de cor’, conseguindo converter o movimento negro brasileiro em movimento de massa. Pelas estimativas de um de seus dirigentes, a FNB chegou a superar os 20 mil associados (DOMINGUES, 2007, p. 106).

Na mesma década da criação da Negritude na França - porém com forte divergência de orientação política - a FNB se fortalece, aumentando o número de associados e organização. De acordo com Domingues (2007), esse movimento negro era politicamente engajado, mantendo escola, grupo musical, teatro, esporte. Oferecia também a seus filiados apoio jurídico, serviço médico e odontológico, cursos de formação, além da publicação do jornal *A Voz da Raça*. Em 1936 a FNB converte-se em partido, cujo objetivo era o de concorrer às eleições, contando com o apoio dos agregados. Mas, a Frente se deixa influenciar pela conjuntura política internacional, pela direita, e defende um programa autoritário, com base no nazifascismo.

Sua principal liderança, Arlindo Veiga dos Santos, elogiava publicamente o governo de Benedito Mussolini, na Itália, e Adolfo Hitler, na Alemanha. O subtítulo do jornal *A Voz da Raça* também era sintomático: ‘Deus, Pátria, Raça e Família’, diferenciando-se do principal lema integralista (movimento de extrema direita brasileiro) apenas no termo ‘Raça’ (DOMINGUES, 2007, p. 107).

A FNB foi extinta pela ditadura do Estado Novo, instaurado em 1937. Mais tarde, em 1944, é criado no Rio de Janeiro o Teatro Experimental do Negro - TEN, sob a liderança de Abdias Nascimento. Nasce na esteira do Movimento da Negritude na França, cuja repercussão internacional culmina com a luta pela descolonização dos países africanos. A proposta do TEN era fazer um teatro formado por atores negros, ampliando sua defesa para a luta pelos direitos civis e uma legislação contra a discriminação, cuja meta era trabalhar a educação e a cultura, “eliminando o complexo de inferioridade do negro e reeducando racialmente o branco, nos marcos do capitalismo ou da sociedade burguesa.” (DOMINGUES, 2007, p. 118). Assim como a FNB, o TEN perde o vigor em



1964 - na ditadura militar - e desaparece do cenário político em 1968, com o auto-exílio de Abdias Nascimento, sua principal liderança.

Se os movimentos anteriores eram assistencialistas, de ultradireita, direita ou de centro, o Movimento Negro Unificado - MNU, fundado em 1978, emerge sob orientação marxista radical, cujo objetivo, combate intransigente ao racismo, combinava com a luta revolucionária anticapitalista. “Na concepção desses militantes, o capitalismo era o sistema que alimentava e se beneficiava do racismo; assim, só com a derrubada desse sistema e a consequente construção de uma sociedade igualitária era possível superar o racismo.” (DOMINGUES, 2007, p.112-113). A proposta ficou conhecida por contestar a ordem vigente, denunciar o racismo e interferir na cena política, além de instituir a palavra de ordem “Negro no poder!” As principais lideranças do MNU foram Hamilton Cardoso e Lélia Gonzalez.

No entanto, historicamente, “na perspectiva de Thales de Azevedo, o movimento negro fora marcado pela falta de consciência racial.” (SANTOS, 2013, p. 77). A justificativa para isso seria o não entendimento de muitos descendentes de africanos como negros, preferindo reivindicações de direitos individuais. Thales de Azevedo pesquisava o Estado da Bahia. Já em São Paulo, comparativamente, na opinião de Roger Bastide "a assimilação de negros e mulatos na ordem social produzida pelo trabalho livre e o sistema de classes, incitou na população negra e mestiça da cidade tendência para a elaboração social e a expressão coletiva dos sentimentos provocados pela desigualdade econômica e social entre as raças.” (SANTOS, 2013, p. 77).

Em sua dissertação, Fernanda Barros dos Santos, aborda o trabalho da Unesco nos anos de 1950 acerca de pesquisa realizada por Thales de Azevedo, Florestan Fernandes e Roger Bastide, cujo objetivo era encontrar elementos capazes de confirmar ou refutar a propalada "democracia racial" existente no Brasil. São produzidos congressos e debates entre intelectuais para fins de construção das ciências sociais, elaboradas entrevistas e os resultados das investigações apontam conclusões diferentes.

Os resultados alcançados por Florestan Fernandes e Roger Bastides, em São Paulo, e Thales de Azevedo, na Bahia, divergiram quanto à existência do preconceito racial. Os primeiros tenderam a afirmar sua existência sobre o coletivo dos indivíduos de cor. Porém, Thales de Azevedo tendeu a refutá-lo e a entendê-lo como fenômeno individual (SANTOS, 2013, p. 110).

A complexidade da temática estava colocada. Apesar da discordância dos



pesquisadores, os trabalhos finais evidenciaram uma dupla discriminação: de classe e de raça, desconstruindo a ideia de harmonia racial no Brasil, sugerida internacionalmente por Gilberto Freyre e sua obra. Em seu lugar inscreveu-se no país o mito da democracia racial, contrariando a política de dominação branca ocidental. Com o passar do tempo, pode-se afirmar com Munanga (2012) que houve “tomada de consciência de uma comunidade de condição histórica de todos aqueles que foram vítimas da inferiorização e negação da humanidade plena pelo mundo ocidental.” (MUNANGA, 2012, p.12). Para o autor, a "Negritude deve ser vista também como confirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas” (MUNANGA, 2012, p. 12).

E para responder a pergunta inicial desse tópico, arrisco a afirmar que a Negritude, enquanto compreendida por Césaire, Senghor e Damas, se expressa hoje nos diversos alunos e alunas negros e negras, presentes nas universidades públicas e instituições de ensino, Brasil a fora. Com o fim do vigor do MNU, tal qual se desenhava, politicamente surge uma fissura no tecido social. Aliás, ousou dizer que nem os Movimentos Negros, nem o conjunto da sociedade, hoje, têm articulações capazes de fazer emergir um movimento de esquerda forte de combate ao racismo e ao capitalismo combinados, de resistência, de denúncia, reivindicações e enfrentamento da política de ultradireita instaurada pelo governo de Bolsonaro. Sem espaço, restam fragmentos, brechas em pequenas esferas, e coletivos negros plurais, nas periferias - cuja luta é pela existência diante da Necropolítica (MBEMBE, 2018) dos governos federal e estadual - e nas instituições públicas de ensino superior.

Até o início dos anos 2000, fragilizada pela ausência de uma sociedade civil forte, a população negra não tinha vez, nem voz audíveis no conjunto da sociedade. Contudo, num esforço histórico, conduzido pelos próprios sujeitos afetados pela discriminação em luta por uma política para além da sobrevivência, capaz de garantir educação e reconhecimento, o combate ao racismo materializou-se. As ações afirmativas e especialmente as cotas raciais, no século XXI, devolveram à sociedade o sujeito singular, ontológico, protagonista da sua própria vida e construtor de uma arena de disputa na *ágora* mais tradicional da elite brasileira, as universidades públicas. Esse/a estudante negro/a, tendo que lidar com a hostilidade do cumprimento da lei, do racismo estrutural, presente também nas universidades, se viu experimentando sua "história dentro da história” (Césaire, 2010), com capacidade de ultrapassar a tomada de consciência racial para recuperar a memória e se reerguer em uma atitude ativa do “despertar da dignidade”

(CÉSAIRE, 2010, p. 109).

Esse/a jovem negro/a saiu da graduação, entrou na pós-graduação e está frequentando congressos com seus artigos, escrevendo seus livros, debatendo com a esfera acadêmica, seja a epistemologia do racismo, os privilégios do sujeito branco, seja numa perspectiva hermenêutica de temas outros, pertinentes ao mundo da vida. Ora, isso traz em si uma potência transformadora. Para Joel Rufino dos Santos, as cotas raciais representam uma tentativa da prática de ser sujeito (Santos, 2010). Faço referência ainda à fala de Césaire sobre o surrealismo, perfeitamente encaixada no caso em debate. “Esse movimento nos interessava porque ele nos permitia romper com a razão, com a civilização artificial e fazer emergir as forças profundas do homem” (CÉSAIRE, 2005, p. 27). Para ele, a tomada de consciência de si é fundamental. “A civilização europeia construiu uma doutrina: é preciso assimilar a Europa. Mas não, sinto muito, é preciso primeiro ser si-mesmo” (CÉSAIRE, 2005, p. 28). Por que autores/as negros/as do Brasil, da África e das Américas não estão em amplos debates em salas de aula? Não basta mais ao Brasil querer ser europeu. O si-mesmo dos estudantes cotistas tentam romper com o tradicionalismo artificial da grade curricular eurocêntrica, ao apresentar questões nativas reais, que demandam reflexão teórica e reclamam solução empírica. O desafio está em curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Negritude, tal como pensaram Césaire, Senghor e Damas, não se esgota neste artigo, ao mesmo tempo que não cabe ambiguidades quanto ao conceito, no sentido de abordar o homem negro ou a mulher negra, enquanto sujeito singular, político e pró-ativo, consciente de sua história e da história ocidental e em constante luta pela dignidade, pela ocupação de lugar na busca por si-mesmo e pelo homem universal. A importância da visão crítica para Césaire (2010) está relacionada às condições de possibilidades de transformações futuras, a partir de denúncia e de luta pela mudança da ordem estabelecida, seja pelo recurso do instrumentos de comunicação - o jornal, o teatro e outros -, seja por alianças e parcerias ou pelo viés político partidário.

Césaire cruzou todos esses caminhos e ainda rompeu com uma instituição forte à época, o Partido Comunista Francês - PCF, ao qual era filiado e eleito deputado. Para ele, o PCF não respondia ao estado de miséria das colônias, às lutas da população negra,



duplamente oprimida enquanto classe e raça. O brilhantismo que conduziu Césaire à *khâgne* percorreu toda sua vida no combate à discriminação, à desigualdade e ao racismo, e na defesa de um mundo mais justo e igualitário. A Negritude, embora tenha aparecido na juventude, acompanhou o autor pela vida, sendo o conceito manifestado em congressos, jornais, revistas, no parlamento, no teatro e, mais tarde, já aos 74 anos, reaparece na Universidade. O poeta volta a falar da Negritude durante congresso nos Estados Unidos, negando todas as críticas e reafirmando o conceito, como uma forma de luta, de ação política, consciência e revolta contra o reducionismo europeu, que serviu de modelo para o resto do mundo na hierarquização das pessoas, levando à prática do racismo.

O Brasil é um exemplo de influência europeia e de prática de racismo até os dias presentes. Apesar da aparência de democracia racial durante muitos anos, essa imagem foi desconstruída ao se evidenciar a periferização, inferiorização, invisibilidade e falta de mobilização social da população negra. Nem mesmo as lutas dos movimentos negros, ao longo da história, foram capazes de conter o desequilíbrio econômico, político social e cultural frente ao poder branco instituído. Pelo contrário, desigualdade, injustiça, racismo e Necropolítica (Mbembe, 2018) dão o tom da sociedade brasileira vigente, cujo desenho da dimensão do futuro é incerto.

Tal realidade é abalada apenas por um "movimento" que não leva esse nome, mas emerge enquanto potencial de libertação de parte da juventude negra, os estudantes universitários, os mesmos amplamente criticados pela mídia tradicional por terem entrado no ensino superior pelas políticas de ações afirmativas. O vigor das cotas raciais está na condição de possibilidade de tornar-se sujeito a partir da prática de si mesmo, da tomada de consciência de "viver a história dentro da história", de redescrever a história por meio de "sua atividade criativa", tomando emprestado palavras de Césaire (2010) e de Sodré (2014). Dito de outra forma, as políticas públicas de a oes afirmativas e cotas raciais revitalizam a Negritude porque trazem em si grande poder de transforma o social.

Embora não haja na contemporaneidade nenhuma articula o denominada Movimento da Negritude, seu conceito emerge em manifesta es plurais, como uma ideia transformadora, seja pela cultura, pela consciência ou pela a o política. As cotas raciais são um exemplo, porque estão ocupando lugar ou abrindo espaço para o si-mesmo e o si de outros/as. Chamarei a isso de inclusão política e cultural em diálogo com Pierre Bouvier (2010). O sociólogo cruza a sociologia e a antropologia para falar de algo

presente desde sempre, o desejo de estar junto ou o pertencimento, mas não identificado com um nome próprio. A essa coisa ele vai chamar de “inclusão social.” (BOUVIER, 2005, p. 61). Seja inclusão social, política ou cultural, o importante é que cada mulher negra e cada homem negro possa ocupar o lugar que quiser, com respeito e dignidade. As cotas raciais têm esse potencial.

Termino por dizer que os movimentos negros escolhidos para serem abordados neste artigo não representam a totalidade dos movimentos negros historicamente instituídos no Brasil e nem era o propósito. Também não foram apresentados os diversos movimentos periféricos e de mídias alternativas, fundamentais para o combate à narrativa instituída e retratada em uma realidade ausente. Seria necessário o mesmo espaço para falar da pluralidade das mobilizações, sobretudo de jovens músicos, artistas, e de uma juventude que emerge com um novo conceito estético de beleza natural africana, com resgate da valorização do cabelo afro e da força das tranças ancestrais. Negritude ou estética? Essa mudança cultural pode, sim, vir acompanhada dos dois sentidos, desde que comprometida com a cognição e o *ethos* político do ser negro no país. Volto a Césaire que tanto na poesia, na política ou nos encontros acadêmicos, abordava a cultura do retorno às origens como insumo para compreender a sedução da dominação e rejeitar qualquer tipo de empatia ao opressor. Fico com as palavras do poeta de que combater o racismo “não é da ordem do esmorecimento.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÉLÈS, Marc. *Politique de la survie*. Paris, Flammarion, 2006.

ADOTEVI, Stanislas Spero. *Négritude et Négrologues*. Paris, Le Castor Astral, 1998.

BASTHI, Angélica; JULIE, Raika; *et.al.* *Do racismo epistêmico às cotas raciais: a demanda por abertura na universidade*. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/download/20276/12630. Acessado em 03 de setembro de 2019.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!* *Civitas*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul.-set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.22915>. Acessado em: 26 de julho de 2019.

BOUVIER, Pierre. *La longue marche des tirailleurs sénégalais : de la Grande Guerre aux indépendances*. Paris, Ed. Belin, 2018.

_____. *Le lien social*. Paris, Éditions Gallimard, 2005.

BRAGON, Ranier. *Sombra de Bolsonaro, Helio Negão é aconselhado a reivindicar ministério*. Folha de S.Paulo. Online, 7 jul, 2019. Disponível em: www.folha.uol.com.br. Acessado em 22 de julho de 2019.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte, Nandyala, 2010.



_____. *Nègre je suis, nègre je resterai* : entretiens avec Françoise Vergès. Paris, Éditions Albin Michel, 2005.

_____. *Conscience Raciale et Révolution Sociale. Revue l'Étudiant Noir*: Première année. n. 3, mai-jun.1935, p. 2. Disponível em: <https://letudiant-noir.webs.com>. Acessado em: 11 de setembro de 2019.

DAMAS, Léon Gontran. *Black-Label et autres poèmes*. Paris, Collection Poésie/Gallimard, 2011.

FONKOUA, Romuald. Aimé Césaire (1913-2008). Paris, Éditions Perrin, 2013.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, n-1 edições, 2018.

MOORE, Carlos. “*Negro sou, negro ficarei*” - A Negritude segundo Aimé Césaire. Belo Horizonte, Ed. Nandyala, 2010.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?* Revista da ABPN, v. 4, n. 8, jul.-out. 2012. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246/222>. Acessado em: 23 de setembro de 2019.

NDIAYE, Pap. *La condition noire*. Essai sur une minorité française. Paris, Ed. Calmann-Lévy, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. (2007). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23v12n23a07>. Acessado em 04 de julho de 2019.

SANTOS, Fernanda Barros dos. *O projeto Unesco 1950: A questão da raça e a institucionalização das Ciências Sociais nas perspectivas de Thales de Azevedo (1904-1995) e Florestan Fernandes (1920-1995) & Roger Bastide (1898-1974)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. A metamorfose do Negro. In: SANTOS, Joel Rufino dos; LOPES, Nei; COSTA, Haroldo. *Nação Quilombo*. Rio de Janeiro, ND Comunicação, 2010.

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *Comunicação: um campo em apuros teóricos*. In: *Matrizes*, Ano 5 - n. 2, jan./jun. São Paulo, 2012.

SOYINCA, Wole. *Wole Soyinka, prix Nobel de littérature, quitte l'Amérique de Donald Trump*. *Le Figaro*, Culture, 2017. Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/livres/2017/04/02/03005-20170402ARTFIG00041-wole-soyinka-prix-nobel-de-litterature-quitte-l-amerique-de-donald-trump.php>. Acessado em: 11 de setembro de 2019.

VERGÈS, Françoise. *Pour une lecture post coloniale de Césaire*. In: CÉSAIRE, Aimé. *Nègre je suis, nègre je resterai* : entretiens avec Françoise Vergès. Paris, Éditions Albin Michel, 2005.

Recebido 30/11/2019

Aprovado em: 30/01/2020